



# Arqqa 7

ARQUITECTURA E ARTE

Jan | Fev 2010 | €11,00

Produções  
Efêmeras

REX

AMO\*OMA

LOT-EK

SANAA

Baixa Atelier

wuda\*

class

raumlaborberlin

Recetas Urbanas

Adriano Carnevale Domingues

Arne Quinze

Mário Caeiro

Giovanni la Varra

Chris Salter

Carlos M. Teixeira

Bureau des Mésarchitectures

Markus Bader

Santiago Cirugeda

Ada Tolla + Giuseppe Lignano

Usman Haque

Alexander Reichert

João Mendes Ribeiro

Cinco Áfricas / Cinco Escolas • GERAÇÃO Z #1

Pedrita • Christo - Jeanne-Claude • Nuno Ramalho & Renato

Dossier: Walkshop • Geração Z: Ternullomelo



ISSN: 1647-077X

# Transitoriedade, Flexibilidade e Mobilidade

A necessidade de ponderar a condição contemporânea e um resvalar para a a-po

GONÇALO FURTADO | Professor Auxiliar na FAUP

O - Vivemos num contexto pós-industrial, global e digital, caracterizado pelo consumo frenético que dita qualquer dimensão humana à transitoriedade e pela mais-valia da flexibilidade. Também um contexto em que se instaura a mobilidade e o carácter globalizador como imperativo e um contexto pós-industrial da informação onde se transformam as distinções convencionais entre natural-artificial e físico-virtual. Este mundo, que lança prenúncios de efemeridade, transitoriedade, mobilidade e desaparecimento abala profundamente as premissas da arquitectura, que desde sempre foi vista como arte de construir associada à estabilidade.

Esta flexibilidade generalizada, a nosso ver, está expressa numa arquitectura caracterizada pela transitoriedade, desde logo presente no fenómeno da "independência da fachada", que pode ser compreendida a partir de uma reflexão acerca da nossa condição pós-moderna. Conceitos como "desaparecimento" (Virilio) ou "arquitectura líquida" (Solá-Morales) parecem também dar conta do dinamismo da condição cultural e económica em que vivemos. Ocorre uma "desmaterialização" que veio-vem anunciada por aparências leves, na ambição de adaptabilidade e flexibilidade-transitoriedade, e na instauração do nomadismo contemporâneo que generaliza a experiências deslocada. Ocorre também uma transformação da ideia estável de espaço arquitectónico que, pela importância decisiva, não pode deixar de mobilizar a crítica arquitectónica.

1 - A nosso ver, os prenúncios de flexibilidade vêm, como referimos, anunciados no campo cultural e arquitectónico.

A cultura actual, assente na instabilidade, efemeridade e renovabilidade, é caracterizável pelo dinamismo mediático, pelo zapping (rápida mudança de canais) e pelo surfing (saltitar da comunidade dos cibercasuals) que vê na rede um suporte para a sua recriação contínua.

Esta cultura expressa-se também no espaço construído que toma como requisito a reutilização, sugerindo uma arquitectura mutante, efémera, participativa, interactiva, aberta e em constante transformação.

Uma cidade mutante e transitória, que muda de vestimenta constantemente, reflecte-se na atracção pelos eventos contemporâneos que posicionam a produção arquitectónica como um espectáculo para consumo. Os próprios espaços de vida arquitectónicos e urbanos contemporâneos, do ponto de vista económico ao estético, não parecem ter como objectivo a solidez, assumindo formas flexíveis e transitórias.

- A realidade (de flexibilidade) que experienciamos veio anunciada em novas lógicas estruturais, de aparência e materialidade trazidas pela industrialização à edificação. Segundo Maldonado<sup>2</sup>, a desmaterialização-virtualização do material também se refere à substituição dos materiais tradicionais por outros de menor peso e densidade, como os polímeros ou plásticos difundidos desde a década de 30, e à "transparência", fenómeno que diz respeito à característica literal "per si" ou à alteração-artificialização e ocultação dos materiais com que cada vez menos os nossos sentidos contactam.<sup>3</sup>

- O fenómeno da flexibilidade diz respeito ao encurtamento do ciclo de vida e à mobilidade de usos. Na década de 60, Yona Friedman desenvolveu uma teoria centrada no conceito de "arquitectura móvel",

de certa forma como reacção ao ainda protagonista pensamento da de Atenas", que sugeria construções mutáveis capazes de acompanhar a evolução dos usos requeridos pela sociedade. Em "Dicionário de conceitos para La arquitectura Movil" de 1957-58, referia:

"As transformações sociais e as do modo de vida quotidiano são imprevisíveis para uma duração comparável à dos actuais edifícios. Os edifícios e as novas cidades devem poder adaptar-se facilmente segundo a vontade da futura sociedade que os terá de utilizar; tem de permitir qualquer transformação sem que isso implique a demolição total. Trata-se do princípio da mobilidade (...)"<sup>4</sup>.

No mundo actual, múltiplo e hipotético, em que não podemos prever o futuro com certezas, a arquitectura e a cidade expressam a flexibilidade tomando-a como uma necessidade e imperativo. Las Vegas, Times Square, Piccadilly Circus, Shopping malls, Theme parks expressam radicalmente a proliferação de cenários transitórios.

Como refere Bart Lootsma<sup>5</sup>, segundo Koolhaas "os media tomarão completamente conta da parte estética da arquitectura como uma atmosfera temporária, libertando o arquitecto para concentrar-se na essência da sua profissão: organizar o espaço".<sup>6</sup> Em "Virtual Dimension" questiona-se "Qual será a fé que espera a arquitectura nessa não mais requer um telhado, estrutura, muro, janelas ou escadaria e reduzir-se a um écran para publicidade"<sup>7</sup>.

As próprias cidades-regiões há algum tempo que usam as estrelas mediáticas da arquitectura internacional para se tornarem atractivas. Como refere Bert Muler, existem "edifícios especiais apenas desenhados por causa da grande aura que isso gera nos media (...) usando o exemplo do edifício (...) que simplesmente parece bem"<sup>8</sup>.

A instabilidade actual da realidade é curiosamente identificável também pelo facto da arquitectura estar menos definível na sua materialidade do que pela efemeridade das imagens que circulam nos media.<sup>9</sup> Devido à importância que os media tiveram para o alastramento do paradigma da arquitectura moderna, a "star system" incita a publicação da arquitectura tornando-a num objecto de consumo visual e uma condição espacio-temporal ambígua que o Pavilhão Alemão da Expo Barcelonesa, de 1929, claramente expõe.<sup>10</sup>

- Em "Las Vegas, the success of excess", F. Anderton e J. Chase referem que o desenvolvimento deste destino turístico e da "Strip" tende para uma imensa amálgama de "theme park" e espectáculo multimédia, salientando o papel da luz (hoje controlada digitalmente por computadores digitais) como na conhecida "Fremont Street") e a diversificada formalização arquitectónica das fachadas monumentais, (empreendida por equipas de decoradores, designers de luz, de cena e arquitectos), com o objectivo de seduzir, desorientar e criar um universo paralelo que dirija a experiência para a despesa, à semelhança do que acontece com a turística Disney World, de Orlando.

Nas últimas três décadas<sup>11</sup> proliferaram uma multiplicidade destes "lugares" (shopping-malls, themeparks, etc.), que funcionam mais como signos do que como lugares, onde nos imergimos num ritual sem espaço ou tempo. O seu protagonismo faz-nos questionar se o futuro de uma

*Esta flexibilidade generalizada, a nosso ver, está expressa numa arquitectura caracterizada pela transitoriedade, desde logo presente no fenómeno da “independência da fachada” pode ser compreendida a partir de uma reflexão acerca da nossa condição pós-moderna.*

que tomaria preponderância sobre a ideia unitária, e a sua independência tornar-se-ia precisamente numa característica arquitectónica pós-moderna.

A fachada liberta-se, torna-se numa pele independente do edifício e seu conteúdo, e assume um papel narrativo ambicionando comunicar com o contexto urbano. A pele torna-se o local de produção de imagens (e mobilidade), em Karlsruhe de Koolhaas ou no “Mediapark” e nas “Galleries Lafayette” de Nouvel, numa superfície mediática que pode absorver a publicidade de Barbara Krueger ou Jenny Holzer, ou por vezes num artefacto inteligente do edifício.

Retomando o início da nossa exposição, voltamos a referir que a redução da opacidade do edifício teve início com os esqueletos metálicos e paramentos transparentes. Esses, habitando o tempo com um uso mínimo de matéria, enfrentam a ausência de forma e ambicionam fluir. Poderemos também dizer no mesmo sentido que a velocidade esteve presente na estética modernista. Mas “A mesma modernização que removeu o tempo da viagem igualmente removeu dela a realidade do espaço”.<sup>15</sup> Agora terminais e aeroportos tornam-se espaços ambíguos, destinados a estruturar o movimento e a transferência, menos ligados ao espaço que à representação da passagem do tempo, tendendo a desaparecer em conjunto com ela. Muitos terminais tornam-se subterrâneos e os aeroportos localizados periféricamente tornam-se espaços desterritorializados e sem nação onde o problema da fachada perde relevância.

- Estas intervenções espaciais (auto-estradas, aeroportos e redes informativas) são também contemporâneas à formação de um espaço abstracto, que condena o espaço histórico da cidade a explodir.<sup>16</sup>

O “ciberespaço” prossegue a destabilização percéptica e a produção da fragmentação física e social preconizada pela viagem motora e de um século fascinado pelo incremento da velocidade. No ponto “virtual architecture”, Rosler identifica que na arquitectura actual, já por vezes se substituem aspectos de presença em favor da significação e os adeptos do ciberespaço ambicionam “literalmente mover o espaço para o plano do imaginário”, onde se pode conformar metaforicamente elementos da arquitectura e conceptualizar um novo mapa do mundo.<sup>17</sup>

- Após identificar a centralidade do princípio de estabilidade e permanência (expresso no conceito de “firmatas” da tríade Vitruviana) na definição tradicional de arquitectura, Ignási Solá-Morales lança a hipótese de uma “arquitectura líquida”, expressão do câmbio e movimento e um novo modo de operar mais consonante com as características da sociedade em que vivemos. Uma arquitectura que abula a primazia do espaço sobre o tempo em favor da sua tensão, no seguimento da noção espaço-temporal Einsteiniana e da quarta dimensão que, no séc. XX, se tornou decisiva para entender a experiência arquitectónica.

Uma arquitectura líquida significa “(...) que espaço e tempo estão simultaneamente presentes como categorias abertas, múltiplas, não redutoras, (...) desde uma vontade de hierarquizar e impor-lhes uma ordem (...)”.<sup>18</sup>

“A arquitectura que organiza os fluxos humanos nos intercambiadores,

aerportos, estações marítimas ou de ferrocarril, não pode preocupar-se com a sua aparência ou com a sua imagem exterior. Tornar-se fluído significa (...) estabelecer estratégias para a distribuição de indivíduos ou informação”<sup>19</sup>. Carecemos pois, segundo o autor, de uma arquitectura líquida, que controle os fluxos.

Virilio refere, por seu lado, que a arquitectura está a perder tudo o que a caracterizava no passado. Reconhece o aparecimento de uma nova dimensão com a expressão em espaço virtual e questiona-se de que modo isto afectará o espaço. Este autor refere que a “desaparição” de toda a forma de materialidade (entre as quais a arquitectura) “a terra (desterritorialização), o corpo (descorporalização) e a arquitectura (desedificação). Qualquer forma de matéria está prestes a desvanecer-se em favor de informação. Para mim, desaparecer não significa ficar eliminada. (...) Tal acontece com a arquitectura: continuará a existir mas no estado de desaparecimento”.<sup>20/21</sup>

- No entanto se a destabilização do protagonismo material e a artificialização imaginética no campo da arquitectura é objecto de artigo não poderemos, em jeito de conclusão, deixar de contemplar a emergência do ciberespaço.

O lado virtual começa já a substituir as fachadas dos edifícios, a abalar o funcionamento e organização das cidades, e a “Híbrida arquitectura” de que fala Peter Zellner<sup>22</sup> ou William Mitchell<sup>23</sup> experimenta abordar a uma arquitectura que ocupe os territórios contíguos do real e do virtual. Tal insere-se a nosso ver numa história contínua que paradoxalmente procura a liberdade de uma utopia sugerida pela imaterialidade do ciberespaço, uma nova configuração espaço-temporal prometida pelas tecnologias actuais. Uma arquitectura que embora continue a protelar-se como constante física se adapte à “era da informação, (onde) o carácter virtual do nosso ambiente assumirá uma maior importância”.<sup>24</sup> A arquitectura, como antes fez com a técnica da máquina procurando conferir uma abordagem humana à sua incorporação no habitat construído, deve, neste novo lance da artificialização do espaço construído, que Banham tão notavelmente panfletou, empenhar-se criticamente.

Vivemos na era da genética e da digitalização. Vidler refere que as implicações das metamorfoses ocorridas no corpo, e a emergência da figura dos “tecnobodies” são muito mais radicais do que mesmo Banham pudera ter imaginado. Não mais estamos assentes nas promessas de uma casa como bolha-contendor que liberta os seus conteúdos humanos das vicissitudes do ambiente externo: nem a Dyr house nem o facto espacial reflecte a infinita permeabilidade assumida pela pele contemporânea, a inter-reformulação parcial do e substituição térmica do corpo, ou a re-construção espacial implicada no cyberspace”.<sup>25</sup> A envolvente arquitectónica progressivamente artificializada aproxima do corpo e tende a fundir-se...

Já não se trata só pois de reflectir acerca da submissão da arquitectura às forças do mercado ou acerca dos seus aspectos estéticos mas acerca do seu território e, talvez mesmo, da sua capacidade de serviço e sobrevivência. Questões que conscientemente permanecem em aberto

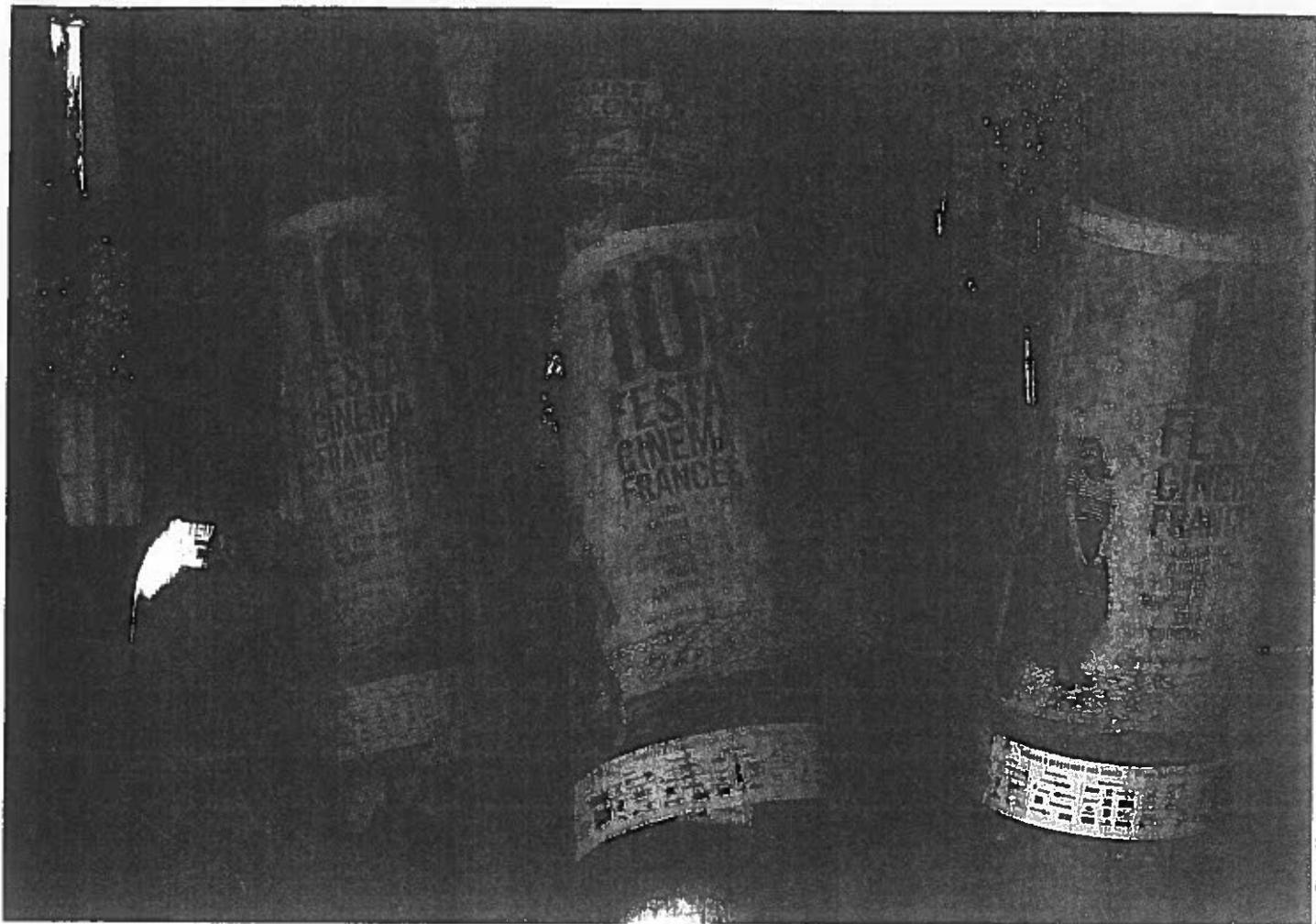


Foto: Ricardo Lima

texto foi inicialmente publicado (2 versões) no início dos anos 2000.  
 is Maldonado, "Lo real y lo virtual", Gedisa editorial, 1994  
 se o ensaio em que Colin Rowe aborda a ideia modernade transparência.  
 eirra parte escrita em 1956 foi publicada em 1963 e a segunda em 1971)  
 Friedman, "Arquitectura móvil", Poseidon, 1978, p.17  
 Lootsma e outros (eds) - Media and architecture, The Berlage Institute, 1998, p. 52  
 Lynn in: Bart Lootsma et al (eds) - Media and architecture, The Berlage Institute,  
 p.51  
 Beckmann (ed), "The virtual dimension: architecture, representation and crash  
 ", Princeton Architectural Press, 1998, p.14  
 Muler, Media and architecture, The Berlage Institute, 1998, p.51/52  
 ilio entrevistado por Andreas Ruby in:"The virtual dimension: architecture,  
 ntation and crash culture", Princeton Architectural Press, 1998  
 itura da mediatização atinge a arquitectura, abalando a forma-função moderna e  
 rtando o revestimento e programa. Segundo Tschumi surge uma nova urbanidade  
 : "as suas confrontações e combinações de elementos podem proporcionar o  
 nement", o choque, que espero que converterá a arquitectura das nossas cidades  
 into de inflexão da cultura e sociedade". (Tschumi in: AAVV, "Presente I futurs,  
 ctura a les ciutats" - UIA Barcelona 96, Col·legi d' Arquitectes de Catalunya , CCCB,  
 996, p.43  
 dos fenómenos metropolitanos característicos das duas últimas décadas que expressa  
 uposto de mobilidade tem sido a proliferação de contentores destinados a albergar  
 as funções e actividades indefinidas e provisórias ligadas a ritualização do consumo  
 ovos modos de vida espectacularizada. A incerteza e a independência forma-função  
 i ser uma dimensão arquitectónica privilegiada. Digamos também que não só a cultura  
 i efêmera como a cidade está em mudança permanente. A imagem e a velocidade  
 tem-se na experiência espacial do indivíduo. Debord e os situacionistas referem-se a  
 nsformação em "sociedade do consumo".  
 i Boley, "Arquitectura en el siglo XX", 1996, p.142  
 uel Maria Carrilho, Verdade ,certeza e argumentação, Ed. Presença, 1990,  
 5/17  
 io Zardini, "Pele, muro, facciata", p.39/51, p.45

- <sup>1151</sup> Martha Rosler, "In the place of the Public", Centz, 1998, p.67  
<sup>1161</sup> Martha Rosler, "In the place of the Public", Centz, 1998, p.67  
<sup>1171</sup> Martha Rosler, "In the place of the Public", Centz, 1998, p.29. O ensaio de Martha Rosler teve precisamente origem num texto para o livro "The invisible in Architecture" (1994, Ole Bouman) e tinha como propósito inicial comparar a arquitectura física e o ciberespaço  
<sup>1191</sup> L. Solà-morales, Arquitectura, Líquida, Anyhow, (exemplar fotocopiado), p.6  
<sup>1201</sup> I. Solà-Morales, op. cit., p.10  
<sup>1201</sup> "The virtual dimension: architecture, representation and crash culture", Princeton Architectural Press, 1998, p.182 e 187  
<sup>1211</sup> Queremos salientar que a mesclagem do real-virtual não é um fenómeno específico destas tecnologias e das estruturas virtual-electrónicas e real-material contemporâneas. No século XVIII, por exemplo, podemos identificar nas galerias de espelhos essa complementaridade de espaços físicos com lógicas virtuais. Virilio identifica o mesmo fenómeno em exemplos como a "Torre sem fim" de Jean Nouvel. A "Torre sem fim", na sua ascensão (rumo ao céu) explora um progressivo aligeiramento da fachada e roça a desmaterialização. Jean Nouvel oferece outros excelentes exemplos do carácter híbrido material-real e virtual-electrónico-informativo. A Fundação Cartier expressa o mesmo estado crítico entre o sólido e o imaterial. (Igualmente a Bibliothèque National do seu conterrâneo Perrault, expressa a história França através da imaterialidade e não da ostentação.) O complexo "Media park" (Colônia, 1992) é uma torre envidraçada que ao mesmo tempo que recebe luz, envia mensagens à semelhança de um computador. (Como refere Jaime Salazar a arquitectura ambiciosa desaparecer quando a matéria lenta da construção ressoa com a velocidade da energia.) O edifício das galerias "Lafayette" é atravessado verticalmente por um cone onde se formam mensagens visuais, conjuntamente com outras projectadas sob os grandes ecrãs virados às ruas adjacentes. O edifício, intimamente relacionado com as imagens transmitidas, "encontra-se a metade do caminho entre a abstracção e a figuração (...) num jogo entre o inteligível e o perceptível". (Veja-se a Croquis sobre Jean Nouvel dos 90s, p.254)  
<sup>1221</sup> Peter Zellner, "Hybrid Space", Thames & Hudson, 1999  
<sup>1231</sup> W. Mitchell - "City of bits", MIT press, 1995 e "E-topia", MIT press, 1999  
<sup>1241</sup> Gerhard Schmitt - "Information Architecture", Texto & Imagine, 1998, p.7  
<sup>1251</sup> A. Vidler, "Homes for Cyborg: Domestic Protheses from Salvador Dalí to Diller and Scofidio" in: Octagono 96, p.37/55